

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

A cor da parede

História de [Patrícia Cristina Orestes](#)

Autor: [Patrícia Cristina Orestes](#)

Publicado em 05/11/2020

Diário para o Futuro - Jornada, dia 3

Diário de Patrícia Cristina Orestes

São Paulo, 24 de agosto de 2020

Código: DPF_HV205_002

A cor da parede

Um tanto gasta e composta por pedaços e vontades dos meus, a casa é como eu, um mosaico não muito equilibrado ou harmônico. A cor da parede grita a predileção por luz e ignora a diversidade de tons das coisas todas que compõem o lugar. Alegro-me essa efusão e acredito mesmo que não há função melhor que essa para coisas e paredes e cores.

Somos hoje metade – em número, que fique claro – do que éramos ao nos mudar para cá há 5 anos, mas não há vazios. Esparramamo-nos pelos espaços todos e portas e janelas invariavelmente abertas trazem o quintal e a rua. Preciso do mundo entrando assim, sem cerimônia – luz, calor, frio, aquelas folhas miudinhas da árvore em frente, o barulho das gentes no vaivém de todo dia. Nessa casa comecei vida sem meu pai e penso que ele festejaria a árvore do jardimzinho descuidado, a escada que leva ao portão e que se presta a sala de estar, os pássaros alheios ao que resta de instinto na gata Gilda. Também a cama do cachorro e ele mesmo fervendo ao sol. A pitangueira no vaso que nasceu da semente que o menino jogou. O cheiro do café. E, embora nunca tenha cá estado, há dele por aqui o suficiente para eu repensar essa afirmação de uma vida sem meu pai.

Dizer de limites aos abusos de tempos outros, distantes e já sem força de sustos, também ganhou consistência aqui, nesse espaço sobretudo meu, da Gabi e do Yan, meus filhos quase grandes (e acho que serão assim, quase grandes, daqui para todo o mais).

O trânsito fácil entre o dentro e fora da casa amenizou as dores desse tempo de isolamento, fruto da pandemia. Da mesa onde trabalho agora vejo um pedaço de quintal. Do sofá vejo a rua. Para aquietar o que às vezes parece ricochetear na cabeça, sento-me com o cão do lado de fora da porta. A gata ciumenta me segue e ficamos até o sol derreter tudo.

As máscaras nos rostos que sobem e descem a rua, com suas crianças, sacolas, cachorros, me assustam.

Banalizou-se essa distopia maluca em que fomos jogados, mas, do lado de dentro do portão ainda respiro sem máscara.